

## Público

## Crise climática é “uma ameaça existencial” à arte e ao património

Instituições ligadas à arte e ao património devem “agir com urgência e ousadia” para proteger acervos e locais históricos das consequências da crise climática, indica relatório norte-americano.

Andréia Azevedo Soares



A temperatura média no planeta está a aumentar – e, com ela, aumentam também os riscos de desastres naturais capazes de destruir colecções de arte, monumentos e locais históricos. Um relatório divulgado este mês nos Estados Unidos sublinha que museus e instituições culturais precisam de estar bem equipados para responder a estes desafios, procurando proteger objectos e paisagens únicos, mas sem deixar para trás as comunidades que lhes atribuem significado.

“Embora a crise climática represente uma ameaça existencial ao património cultural em todo o mundo, é possível uma mudança positiva se estivermos dispostos a agir com urgência e ousadia”, refere o [relatório](#) intitulado *Held in Trust*. O documento foi desenvolvido, ao longo de quatro anos, pela Foundation for Advancement in Conservation (FAIC) em cooperação com o National Endowment for the Humanities (NEH), dois organismos públicos norte-americanos.

“Simplificando, o objectivo deste relatório é a acção”, alertam os autores do documento, para o qual contribuíram mais de 150 especialistas. O estudo cobre áreas que vão da tecnologia à ética, passando pela equidade, diversidade e inclusão. A crise climática encabeça a série de relatórios temáticos e constitui, segundo o *Held in Trust*, uma “ameaça existencial”, com efeitos profundos em todas “as descobertas e acções futuras”.



Foto Destroços após chuvas fortes em Petropolis, no Brasil, em 2022. Os eventos meteorológicos extremos ficarão mais intensos e frequentes por causa das alterações climáticas António Lacerda/LUSA

“Um património cultural é algo tão vasto como uma cidade e uma catedral ou tão pequeno como uma fotografia de família. Todos nós podemos ser afectados por fenómenos como incêndios, cheias ou tornados. Tudo isto pode tocar-nos de uma forma muito pessoal. O património cultural pode ser uma terra sagrada para povos originários ou um conjunto de fotografias que temos numa cave – uma vez que perdemos estas coisas que são importantes para nós, também perdemos histórias, que deixam de poder ser partilhadas”, explica ao PÚBLICO Pamela Hatchfield, coordenadora do projecto *Held in Trust*.

Após a publicação do relatório, o trabalho para tornar as instituições culturais nos Estados Unidos mais resilientes vai continuar. Através de um financiamento extra [anunciado](#) em Setembro de 2022, no valor de 500 mil dólares (cerca de 458 mil euros), vão ser ainda desenvolvidas novas ferramentas no âmbito do programa Recursos de Resiliência Climática para o Património Cultural.

“O financiamento apoiará a criação de um mapa interactivo de riscos climáticos, módulos de aprendizagem e comunidades com interesses comuns para ajudar instituições culturais ou ligadas ao

património cultural a prepararem-se e a mitigarem riscos ambientais relacionados com o clima”, refere uma nota de imprensa.

O património também é a comunidade

Quando se fala de arte e património, o que está em causa não é necessariamente um quadro, uma estátua ou um castelo. “O património nem sempre é tangível, também podemos estar a falar de tradição oral no caso de comunidades que são obrigadas a migrar. Geralmente, quando há um desastre, geralmente há outro a seguir. Se há um furacão, depois uma comunidade inteira pode ficar sem electricidade e sem água potável”, explica Stephanie Shapiro, que lidera o programa de recursos de resiliência climática.

O relatório encoraja vivamente as instituições culturais a terem planos de acção em contexto de emergência, documentos capazes de determinar as medidas a tomar antes, durante e depois de fenómenos climáticos extremos. É importante identificar riscos e desenhar estratégias, medidas de adaptação e redução de danos, sem esquecer o envolvimento das comunidades visadas.



Foto Quando as cheias inundaram o mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, no ano de 2016 Sérgio Azenha/ARQUIVO

“O primeiro passo é a avaliação. Quais são os riscos e as vulnerabilidades? Qual é o tipo de património cultural que está em causa? Quais são os armazéns disponíveis para mudar as peças de lugar [em caso de necessidade]? É preciso olhar para tudo isso, mas sobretudo para as pessoas – temos de cuidar delas. E não é só sobre a sua organização, é sobre com quem podemos colaborar, partilhar recursos. Um desastre não afecta uma instituição, afecta uma comunidade inteira, uma região”, afirma

Stephanie Shapiro numa videochamada com o PÚBLICO.

Cuidar das pessoas também implica assegurar boas condições para quem trabalha em locais que poderão estar mais expostos, por exemplo, ao crescimento de fungos. “Haverá um aumento de desastres e emergências que resultarão em crescimento de bolor em edifícios e no património cultural, o que terá um impacto negativo na saúde do pessoal, se não forem devidamente geridos”, refere o relatório.

O documento também alerta para os efeitos lentos da crise climática. A subida dos termómetros do planeta traz de arrasto “incognitas” relacionadas com a forma como os edifícios responderão a alterações na ecologia das pragas. O controlo de infestações de insectos em colecções e arquivos pode exigir, por sua vez, medidas que não são exactamente amigas do ambiente.

“Todos nós sabemos que o controlo climático é um dos aspectos mais intensos em carbono do sector de conservação”, nota Pamela Hatchfield, referindo que várias organizações estão hoje à procura de fontes energéticas mais amigas do planeta. Esta e outras questões difíceis têm gerado um debate interessante no sector da arte e da conservação, que parece estar mais atento à própria pegada ambiental e empenhado em encontrar soluções mais sustentáveis.

O património cultural pode ser uma terra sagrada para povos originários ou um conjunto de fotografias que temos numa cave – uma vez que perdemos estas coisas que são importantes para nós, também perdemos histórias Pamela Hatchfield

Em Portugal, por exemplo, a Fundação Gulbenkian realizou o [estudo](#) “O impacto ambiental de uma exposição: avaliação de ciclo de vida de [Europa Oxalá](#)”. O objectivo era analisar a pegada de carbono daquela exposição apresentada em Lisboa em 2022. O trabalho concluiu que as principais fontes de emissões de gases com efeito de estufa foram a deslocação de pessoas (61%) e o consumo de energia (31%).

“O mundo da arte é, neste momento, lugar de um importante debate no contexto alargado do combate às alterações climáticas, pela preservação dos ecossistemas e espécies e pela habitabilidade do planeta. É também um local de produção de conhecimento, de discussão e troca de ideias, bem como de experimentação para uma sociedade mais sustentável”, escrevem Miguel Magalhães e Louisa Hooper no prefácio da publicação.

Agir já, um passo de cada vez

O esforço por tornar as instituições culturais mais resilientes é, segundo o relatório, algo que exige acção imediata. E, para agir, o método sugerido é partir o desafio em várias partes e começar por uma das áreas identificadas.

“As organizações podem preparar-se para responder aos desafios climáticos sem passos enormes. O que é realmente importante é dar os primeiros passos, tentar detalhar como é o processo – caso contrário, as organizações ficam sobrecarregadas com muitas informações. Escolher um lugar para começar é uma boa maneira de agir. Começar pela avaliação já é um bom começo”, sugere Stephanie Shapiro.

As recomendações contidas no relatório estão ancoradas nos museus e no património dos Estados Unidos, mas podem guiar ou inspirar medidas em organizações de outros países. “Se por um lado estamos a focar localmente, por outro o nosso relatório tem definitivamente um impacto global. A nossa missão é salvar e proteger o património cultural para as futuras gerações”, diz ao PÚBLICO Lissa

Rosenthal-Yoffe, directora executiva da FAIC e do Instituto Americano para a Conservação.

In English:

**Climate crisis is “an existential threat” to art and heritage**  
Institutions linked to art and heritage must “act urgently and boldly” to protect collections and historical sites from the consequences of the climate crisis, according to the American report.

Andréia Azevedo Soares



The average temperature on the planet is increasing and, with it, the risks of natural disasters capable of destroying art collections, monuments and historical sites also increase. A report released this month in the United States stresses that museums and cultural institutions need to be well equipped to respond to these challenges, seeking to protect unique objects and landscapes, but without leaving behind the communities that give them meaning.

“Although the climate crisis represents an existential threat to cultural heritage around the world, positive change is possible if we are willing to act urgently and boldly,” says the [report](#) entitled *Held in Trust*. The document was developed, over four years, by the Foundation for Advancement in Conservation (FAIC) in cooperation with the National Endowment for the Humanities (NEH), two U.S. public bodies.

“Simplified, the purpose of this report is action,” warn the authors of the document, to which more than 150 experts contributed. The study covers areas ranging from technology to ethics, through equity, diversity and inclusion. The climate crisis tops the series of thematic reports and constitutes, according to the *Held in Trust*, an “existential threat”, with profound effects on all “future discoveries

and actions".



Photo Caption:

Wreckage after heavy rains in Petropolis, Brazil, in 2022. Extreme weather events will become more intense and frequent because of climate change António Lacerda/LUSA

“Cultural heritage is something as vast as a city and a cathedral or as small as a family photograph. We can all be affected by phenomena such as fires, floods or tornadoes. All this can touch us in a very personal way. Cultural heritage can be a sacred land for native peoples or a set of photographs that we have in a basement - once we lose these things that are important to us, we also lose stories, which can no longer be shared,” explains Pamela Hatchfield, coordinator of the *Held in Trust* project, to PUBLICO.

After the publication of the report, the work to make cultural institutions in the United States more resilient will continue. Through extra funding [announced](#) in September 2022, in the amount of 500,000 dollars (about 458 thousand euros), new tools will also be developed under the Climate Resilience Resources for Cultural Heritage program.

“The funding will support the creation of an interactive map of climate risks, learning modules and communities with common interests to help cultural or cultural heritage institutions prepare and mitigate climate-related environmental risks,” says a press release.

Heritage is also the community

When talking about art and heritage, what is at stake is not necessarily a painting, a statue or a castle.

“The heritage is not always tangible, we may also be talking about oral tradition in the case of communities that are forced to migrate. Usually, when there is a disaster, there is usually another one to follow. If there is a hurricane, then an entire community can run out of electricity and drinking water,” explains Stephanie Shapiro, who leads the climate resilience resource program.

The report strongly encourages cultural institutions to have action plans in an emergency context, documents for determining the measures to be taken before, during and after extreme weather phenomena. It is important to identify risks and design strategies, adjustments, and harm reduction measures, without forgetting the involvement of the targeted communities.



Photo Caption

When the floods flooded the monastery of Santa Clara-a-Velha, in Coimbra, in the year 2016 Sérgio Azenha/ARQUIVO

"The first step is the evaluation. What are the risks and vulnerabilities? What is the type of cultural heritage at stake? What warehouses are available to move objects [in case of need]? It is necessary to look at all this, but especially at people - we have to take care of them. And it's not just about your organization, it's about who we can collaborate with, share resources. A disaster does not affect an institution, it affects an entire community, a region," says Stephanie Shapiro in a video call with the PUBLICO.

Taking care of people also implies ensuring good conditions for those who work in places that may be more exposed, for example, to the growth of fungi. "There will be an increase in disasters and emergencies that will result in growth of mold in buildings and cultural heritage, which will have a negative impact on the health of staff if they are not properly managed," the report says.

The document also warns of the slow effects of the climate crisis. The rise of the planet's thermometers drag in "unknowns" related to how buildings will respond to changes in pest ecology. The control of insect infestations in collections and archives may require, in turn, measures that are not exactly environmentally friendly.

"We all know that climate control is one of the most carbon-intensive aspects of the conservation sector," says Pamela Hatchfield, noting that several organizations are today looking for the most environmentally friendly energy sources on the planet. This and other difficult issues have generated an interesting debate in the art and conservation sector, which seems to be more attentive to its own environmental footprint and committed to finding more sustainable solutions.

Cultural heritage can be a sacred land for native peoples or a set of photographs that we have in a basement - since we lose these things that are important to us, we also lose stories -- Pamela Hatchfield

In Portugal, for example, the Gulbenkian Foundation carried out the [study](#) "The environmental impact of an exhibition: life cycle assessment of *Europa Oxalá*". The objective was to analyze the carbon footprint of that exhibition in Lisbon in 2022. The study concluded that the main sources of greenhouse gas emissions were the displacement of people (61%) and energy consumption (31%).

"The art world is, at this moment, the place of an important debate in the broader context of combating climate change, for the preservation of ecosystems and species and for the habitability of the planet. It is also a place for the production of knowledge, discussion and exchange of ideas, as well as experimentation for a more sustainable society," write Miguel Magalhães and Louisa Hooper in the preface to the publication.

Act now, one step at a time

The effort to make cultural institutions more resilient is, according to the report, something that requires immediate action. And, to act, the suggested method is to break the challenge into several parts and start with one of the identified areas.

"Organizations can prepare to respond to climate challenges without huge steps. What is really important is to take the first steps, try to detail what the process is like - otherwise, organizations are overwhelmed with a lot of information. Choosing a place to start is a good way to act. Starting with the evaluation is already a good start," suggests Stephanie Shapiro.

The recommendations contained in the report are anchored in the museums and heritage of the United States, but can guide or inspire measures in organizations in other countries. "On one hand we are focusing locally, on the other our report definitely has a global impact. Our mission is to save and protect cultural heritage for future generations," Lissa Rosenthal-Yoffe, executive director of FAIC and the American Institute for Conservation, tells the PUBLICO.